

“Escutando musicalmente entre muitos” uma música para mudar a minha vida

Benita Michahelles²

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão acerca da contribuição do profissional musicoterapeuta numa equipe interdisciplinar de saúde mental infanto juvenil que trabalha nos moldes propostos pela Reforma Psiquiátrica Brasileira. Baseia-se numa experiência vivida num serviço da rede pública do Rio de Janeiro, o CAPSIJ “Eliza Santa Roza”. Um caso clínico exemplifica na prática as considerações apresentadas.

Palavras-chave: musicoterapeuta, equipe interdisciplinar, saúde mental infanto juvenil

² Graduação em Musicoterapia e Educação Musical pelo CBM/RJ. Musicoterapeuta do Município do Rio de Janeiro (CAPSIJ Eliza Santa Roza). Professora de Música da Escola Suíço-Brasileira/ e-mail: benita@taturana.com

"Listening musically among many," a song to change my life

ABSTRACT

This work proposes a reflection on the contribution of the Music Therapist in an interdisciplinary mental health team working with children, in the ways proposed by the Brazilian Psychiatric Reform. It is based on a real-life experience at the CAPSIJ "Eliza Santa Roza", a Public Health institution in Rio de Janeiro, Brazil. A clinical case brings a practical example of the presented considerations.

Key-words: music therapist, interdisciplinary team, children's mental health

Os CAPSIJ (Centros de Atenção Psicossocial Infanto Juvenis) têm uma diretriz própria e inovadora no campo da atenção pública no cuidado aos jovens e crianças em intenso sofrimento psíquico, diagnosticados como autistas, psicóticos, neuróticos graves e/ou que se encontram em situação de risco social. O objetivo é que esses jovens possam contar com um serviço que lhes dê escuta e que faça falar o que há de singular na experiência de cada sujeito, ao invés de apenas categorizá-los pelos sintomas que apresentam e de calá-los. É uma clínica que está se construindo. Considerando que a música é uma forma de discurso tão antiga quanto a

Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano XIII, n. 11, 2011.

própria humanidade, certamente os musicoterapeutas têm muito a fazer no processo de construção dessa clínica.

O CAPSIJ Eliza Santa Roza tem a “prática entre muitos”ⁱ como forma de atenção que perpassa todos os dispositivos de atendimento. Ela se assemelha a “*pratique à plusieurs*”, uma forma de atendimento iniciada em 1990 por alguns psicanalistas europeus em instituições para crianças diagnosticadas como autistas e psicóticas. A clínica acontece na pluralidade das crianças e dos técnicos. Esses procuram promover a ampliação dos laços sociais e, ao mesmo tempo, sustentar a singularidade de cada um dos sujeitos em tratamento. Os espaços também são múltiplos, assim como o tempo, principalmente porque o trabalho é direcionado para possibilitar que sujeitos desejantesⁱⁱ venham a emergir. Esse modo de funcionamento proporciona o acolhimento de pacientes que, muitas vezes, já chegam inventando formas de lidar com o seu sofrimento, frequentemente gesticulando, gritando, emitindo sons, andando... Enfim, apresentando uma maneira de existir que dificulta a realização de seu tratamento em um sistema ambulatorial tradicional.

Os atos dos sujeitos na clínica “entre muitos” são sempre tomados no campo do sentido. Parte-se do princípio de que aquilo que aparece de forma caótica, aparentemente

não fazendo sentido, “poderá produzir o sentido no devir mesmo de sua sequência, sobretudo se for tomado nesta perspectiva” (ELIA, 2004, p.01). Sabemos que, para atender a essa clientela que não espera o início de uma sessão para iniciar o seu trabalho é necessário deixar-se regular por suas construções, proporcionando-lhes novas significações, ou seja, incluir-se no seu trabalho. É fundamental estar-se sensível a essas invenções nas suas mais diferentes formas e expressões e ter disponibilidade para inventar junto com esses sujeitos. E, principalmente, posicionar-se de modo aberto e acompanhar as diversas mudanças de sentido que são vividas pelos clientes durante seu trabalho de elaboração e construção psíquica.

Segundo o músico contemporâneo John Cage, “a escuta torna música aquilo que por princípio não é música”. “Em sua concepção, a construção musical se dá no nível interno, pela ação de uma escuta intencional, transformadora e geradora de sentidos e significados” (BRITO 2003, p.27). Cabe ao musicoterapeuta ser esse tipo de ouvinte na clínica de saúde mental infanto-juvenil. O seu trabalho deve se realizar num contexto que entenda a música como processo contínuo de construção que envolve perceber, sentir, experimentar, criar. Nesse processo, a criança ou jovem,

sujeito da experiência, é quem importa prioritariamente. Segundo Keith Swanwick, a música é uma forma de discurso e “pode fazer uma diferença na maneira como vivemos e como podemos refletir sobre a nossa vida.” (SWANWICK, 2003, p.78). As expressões sonoras e a arte musical proporcionam um espaço privilegiado de trocas, diferentemente das verbalizações. É responsabilidade do musicoterapeuta trazer esse nível de escuta e de trocas para a “clínica entre muitos”, permitindo fazer soar os muitos discursos musicais, sons e silêncios dos pacientes.

A partir dessa reflexão, convido a pensar sobre a escuta musical na clínica da infância. Como ela pode acontecer no atendimento “entre muitos”? Ela pode, nesse dispositivo, ajudar nas construções realizadas pelos sujeitos com grave sofrimento psíquico?

O Turno é a modalidade de atendimento fundamental do CAPSIJ Eliza Santa Roza. Durante um período determinado várias crianças ou jovens de uma mesma faixa etária ficam no CAPSIJ ao mesmo tempo, sendo atendidas por diferentes técnicos de diferentes formações. Não existem atividades previamente programadas. Essa modalidade de atendimento abre novas possibilidades de “estar com” outros. Não se trata de atendimento de grupo, mas sim de um

atendimento coletivo, que facilita trocas. No coletivo, seus atos, gestos e sons são interpretados como linguagem e como modo de comunicação. Logo após cada turno, ocorre uma reunião entre todos os profissionais envolvidos naquele atendimento. É um momento fundamental, no qual se discute o que ocorreu a partir dos diversos olhares e, de certa forma, também se traçam caminhos, direções para cada caso.

Nas práticas “entre muitos” é fundamental que as pessoas que oferecem tratamento se coloquem em posição “dessubjetivada”, ou seja: “suas ações devem estar subordinadas à escuta” (AUTUORI, 2006, p.08). A proposta é trabalhar a partir de um “não saber” para ajudar o paciente a construir o seu próprio saber.

Inicialmente, eu me perguntava como me incluir nesse trabalho, como incluir a Musicoterapia. Certa do potencial da música e do fazer musical na relação terapêutica, e ciente da existência dos muitos sons a serem escutados de cada paciente, a minha maior questão era: como fazê-lo nesse espaço coletivo?

Como forma de responder a essa pergunta e de trazer as considerações teóricas para o nível da prática, apresento a seguir o relato de um caso clínico que se refere a um período de cerca de quatro anos de trabalho.

Iago, como o *chamarei aqui*, chega ao CAPSIIJ aos três anos e meio de idade, encaminhado por outro Serviço de Saúde, com diagnóstico de autismo. Após breve avaliação individual, ele é inserido em um turno de crianças pequenas (de até oito anos de idade). Nele trabalham como técnicos, eu, como musicoterapeuta, duas psicólogas e uma auxiliar de enfermagem, além de residentes e estagiários de formações diversas.

Inicialmente, Iago permanece pouco tempo na sala grande³ onde está a maioria das crianças. Prefere passear pelos corredores, ficar na sala de TV sentado no sofá, evita o contato e também o olhar, e em muitos momentos parece aflito em seus movimentos silenciosos e solitários. Não nos olha. Não fala e raramente emite sons. Às vezes elege algum objeto que fica segurando durante bastante tempo, como a bola do totó, uma figurinha ou, com certa frequência, o tamborim. Também passa longos períodos olhando revistas que escolhe.

Durante muito tempo parece bastante inacessível em seu modo de ser e de estar no mundo. Ao pegar o tamborim, apenas o segura de formas variadas e o observa silenciosamente. Muito pouco ou nenhum som produz com ele, porém. Nesses momentos, costumo sentar-me ao seu

lado com um tambor e ficar tamborilando ritmos variados. Iago parece gostar dessa companhia sonora. Presta atenção a seu modo. Às vezes, quando paro de tocar, segura a minha mão junto ao tambor, como que pedindo para que eu continue.

Só após algum tempo Iago “descobre” o violão, este que já era um instrumento presente desde o início do seu tratamento. Certa vez, então, chega e se dirige a esse instrumento que eu estava tocando, improvisando algo melodioso com a voz, sentada no sofá da sala grande. Iago coloca a mão sobre o tampo procurando sentir a sua vibração, e também a encosta de leve nas cordas que eu percuto. Durante um longo tempo não deixa que eu pare ou dê atenção a outras pessoas. Cantarola muito baixinho, improvisando junto comigo e balanceando um pouco o corpo, como que dançando. Na semana seguinte, passa boa parte do turno disputando vigorosamente esse violão com outro menino que chegara antes, e que já o estava tocando. A partir de então, ele começa a estabelecer uma rotina: todo vez que chega, primeiro se dirige à sala onde o violão fica guardado, pega-o com a ajuda de algum técnico, tira-o da capa e põe-se a “tocá-lo”. Na verdade, porém, inicialmente não produz som algum com o instrumento: apenas encena fazê-lo com o violão pendurado no corpo e tomando a palheta

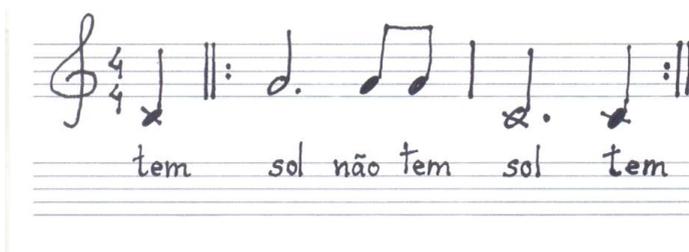
na mão. Frequentemente eu toco para ele ou para outras crianças, e então ele olha com atenção. Nessas ocasiões, começa a interagir com alguns sons vocais bem suaves. Fazemos uma espécie de brincadeira de eco, então: a cada som vocal seu, eu e os outros técnicos repetimos esses sons em coro, amplificando-os.

Pouco a pouco, Iago começa a se mostrar mais “sonoro”, não com a sua voz, mas através de espontâneas experimentações nos instrumentos de percussão. Também começa a interagir mais com outras crianças, por exemplo, aceitando eventualmente objetos que elas lhe oferecem.

A mãe de Iago era atendida regularmente por sua referência⁴, uma estagiária de psicologia. Certa vez, num desses atendimentos, ela diz que sonhava em saber a todo custo o que se passava dentro do seu filho, e que desejava que ele fizesse um exame em uma “máquina”, que disse ter visto na TV, que poderia revelar “tudo o que se passava no seu corpo e na sua mente” e daria “todos os diagnósticos.” De fato, ela também tenta algumas vezes entrar no espaço de atendimento de Iago no CAPSIJ. Como ela é barrada por nós, tenta fazê-lo através de objetos pessoais que entrega na mão do filho (como cartões de telefone, de crédito etc.) bem na hora de ele entrar. O próprio Iago, porém, rapidamente deixa

esses objetos de lado e os substitui por alguns específicos de sua escolha, muitas vezes instrumentos musicais. Em uma ocasião, é uma baqueta que ele pega. Com auxílio desta, passa ele mesmo a “examinar” os objetos ao seu redor, pesquisando seus sons de forma ativa. Percute a lata de lixo, a parede, o tambor, o violão. Depois, demora-se experimentando o pau-de-chuva, e o observa bem. Curiosamente, também parece querer saber o que se passa no interior daquele instrumento.

Com a mesma baqueta, em outra ocasião, Iago pesquisa o som da janela, raspando-a na veneziana. Uma estagiária interage com ele, brincando de abrir e fechar outra veneziana ao lado, dizendo alternadamente: “tem sol!” “não tem sol”. Eu, então, me aproximo com o violão e imito com ele o som de reco-reco produzido por Iago na janela, e me integro repetindo os dizeres da estagiária, no mesmo ritmo que ela, só que colocando uma melodia em suas palavras, como mostra a partitura abaixo:



The image shows a handwritten musical score on a five-line staff. The key signature is one flat (B-flat) and the time signature is 4/4. The melody consists of five notes: a quarter note (B-flat), a dotted quarter note (D), an eighth note (E), a quarter note (F), and a quarter note (G). The notes are written on the staff with stems pointing down. Below the staff, the lyrics are written in a simple, handwritten font: "tem sol não tem sol tem". The first note is aligned with "tem", the second with "sol", the third with "não", the fourth with "tem", the fifth with "sol", and the sixth with "tem". The score ends with a double bar line and repeat dots.

Quando interrompemos a brincadeira, ele insatisfeito bate na janela dizendo (ou seria cantando?) “ó!”, querendo continuar. Esta é a primeira vez identificamos na fala de Iago um som mais próximo a uma palavra.

Certa vez, ao ver Iago chegar e tendo-o cumprimentado, ele me responde com um “Oooi!” sonoro, como se sempre houvera falado! Vendo que ele tenta alcançar o clavicular, pergunto-lhe o que ele quer, e ele responde sussurrando: “Eu querrro o violão!”. Então atendo ao seu pedido e tocamos juntos, como de costume. Nesse dia, também brincamos de fazer sons com a boca, como “rrrrrr...” e “trrrr”, e também estalos diferentes (sons trazidos por ele). Ele parece descobrir com alegria a experiência de produzir esses sons com o seu corpo.

A partir daí, Iago fica cada vez mais falante; embora de forma ainda sussurrada. Também escreve bastante, muitas vezes coisas relacionadas à música, como nomes de gravadoras, nomes de cantores de diferentes estilos, e até trechos de letras de músicas e nomes de canções. Aproveito essas suas “dicas” para orientar o meu repertório junto a ele, procurando cantar músicas dos referidos artistas. Ele então ouve com interesse, bate palmas no final. Algumas vezes eu e outros técnicos cantamos em coro para ele.

Um dia, me diz quase cochichando, após eu lhe perguntar através de um fantoche o que ele tinha para falar: “Eu tenho muita coisa para falar, da minha vida, minha carreira (...) eu aprendi muita coisa, uma música de sentimento, coisas do coração...” (...)

Outra vez, ao chegar e como de costume pegar o violão, põe-se a passear pelo quintal, com o instrumento pendurado em seu corpo. Uma residente aproxima-se dele e pergunta o que ele estava tocando, ao que ele responde “Uma música pra mudar a minha vida”. Ela se mostra interessada e diz que gostaria muito de ouvir esta música... Faz algumas perguntas, mas não identifica o que ele responde. Depois eu me aproximo com outro violão. Ele se põe a tocar sonoramente cada corda, parece muito atento aos sons das diferentes alturas. Fico ao seu lado nessa pesquisa, reproduzindo com a minha voz o som que ele toca. Improviso cantando sobre a escala pentatônica menor de mi. Falo sobre cordas diferentes produzirem diferentes sons e nos “tocarem” com suas vibrações. Ele presta muita atenção. É a primeira vez que ligo faz soar tão claramente esse instrumento. Na semana seguinte, ele me acompanha tocando o tambor com presença rítmica e sonora na música “Bate Lata”⁵, que eu puxo cantando e acompanhando com o violão. Quando lhe

digo no final que gostei de tocar junto com ele, ele me responde: “Eu também gostei de tocar com você!”

Descobrimos que de fato existe uma canção intitulada “Pra mudar a minha vida”⁶. Providenciamos então esse CD (um show ao vivo), que é colocado para tocar durante o turno. Ao reconhecer a música, logo imediatamente pendura o violão em seu corpo e se aproxima do som. Alguns de nós pegamos diferentes instrumentos e os tocamos, acompanhando-o, e outros chegam mais perto para assistir ao “show”. Todos os presentes se envolvem de alguma forma nessa cena. Cantamos juntos a melodia da música, cujo refrão diz:

*“ [...] Você chegou quando a dor mais doía
E me encontrou quando eu me perdia
Acho que foi Deus que te mandou pra mim
Pra recomeçar e me fazer feliz
Por toda vida...”*

Este é apenas um recorte de um caso que está em andamento e a cada semana continua nos trazendo novas surpresas. Logo não cessa de nos apresentar conquistas expressivas, como a fala cada vez mais articulada e a capacidade crescente de fazer laços sociais.

Podemos dizer que ele encontrou em seu espaço de tratamento um terreno que lhe deu possibilidades de vivenciar

suas construções. Assim, ele deslocou posições subjetivas e inventou novas formas de se relacionar, tornando-se cada vez mais ativo.

Sendo escutado amplamente, inclusive no nível musical, ele pôde aprender a também se escutar, traçando um percurso singular. Pôde construir uma ponte entre seus tempos e espaços internos e o mundo externo, e, em muitos aspectos, mudar a sua vida.

Constatamos que a música esteve presente em momentos cruciais desse percurso:

1. Mediado pelo som, Iago sai do seu isolamento inicial e é impulsionado a buscar uma aproximação com outros.

2. Sua primeira palavra, ou fragmento de palavra (“ól” = sol), no seu espaço de tratamento, ocorre no contexto de um jogo sonoro e também remete-se a uma nota musical.

3. Sua primeira frase revela o desejo por um instrumento musical (“*Eu quero o violão*”). Ele nos mostra que, apesar de já saber falar, ainda quer expressar conteúdos que vão além do que pode ser expresso apenas com palavras. Percebendo-se escutado, Iago entende que pode fazer uso de sua voz num sentido pleno. Deseja também tocar, cantar “(...) uma música de sentimento, coisas do coração (...)”.

Apesar de não haver um *setting* musicoterápico tradicional no CAPSIJ, uma atuação musicoterápica pode perfeitamente estar presente no atendimento “entre muitos”, fazendo aparecer a história sonora dos indivíduos: suas dissonâncias, melodias, ritmos, ruídos e silêncios. Incluindo-se a arte musical como forma de abordagem e conversação diferenciada neste dispositivo, deixa-se sempre a porta aberta para experiências significativas e transformadoras através dela.

REFERÊNCIAS

AUTUORI, S. **A arte no tratamento psicanalítico com crianças e adolescentes em grave sofrimento psíquico**. In: I ENCONTRO DE ARTE E SAÚDE MENTAL, organizado pelo Espaço Terapêutico Antonin Artaud e Instituto de Psicologia da UERJ. Setembro 2006, Rio de Janeiro: UERJ.

BRITO, T. A. **A Música na Educação Infantil**. 3a Edição. São Paulo: Editora Peirópolis, 2003.

ELIA, L. **O Conceito do Sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

ELIA, L. **O sujeito demasiado visível no autismo**. In: I JORNADA CLÍNICA DO LAÇO ANALÍTICO(SUBSEDE DO RIO DE JANEIRO, intitulada “O AUTISMO TRATADO PELA PSICANÁLISE”. Rio de Janeiro, 2004. Museu da República.
FIÃES, R.P. **Capsi para crianças e adolescentes autistas e psicóticos: a contribuição da psicanálise na construção do dispositivo clínico**. 1.edição.Rio de Janeiro:Editora Museu da República,2007.

SWANWICK,K. **Ensinando Música Musicalmente**. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

¹ O termo “prática entre muitos” foi atribuído a Jacques-Alain Miller e historicamente três instituições européias iniciaram este trabalho: L'Antene110, Le courtil e Nonneté” (FIÃES,2007,p.71)

² Sujeito desejante é o sujeito do inconsciente tal como descrito por Freud na Psicanálise. Para maiores informações vide livro “O Conceito de Sujeito” de Luciano Elia(2004)

³ Há uma grande sala com brinquedos, materiais de artes e também instrumentos musicais, ligada a um quintal (onde também se encontram brinquedos, como casinha, carrrossel etc.). Trata-se, de certa forma, da sala principal do turno, mas as crianças podem preferir ficar em outros espaços do CAPSIJ, como os corredores e as salas menores.

⁴ Referência é como denominamos no CAPSIJ o profissional responsável pelo caso, e que, independentemente da sua especialidade, geralmente também atende os pais (os responsáveis) da criança.

⁵ Música de autoria da Banda Beijo

⁶ Música de autoria da dupla sertaneja Zezé de Camargo e Luciano
Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano XIII, n. 11, 2011.